



Sinfonia em AR menor: *transversAR*, (des)cartAR, ex-pressAR

Elenise Cristina Pires de Andrade¹

Resumo: Explorar o AR que propicia vitalidade, não necessitando remeter a oxigênio, gás carbônico ou qualquer outra materialidade químico-física. Ar que pulsa e expulsa. *Sinfonia em AR menor* pretendendo realizar, com vídeos, palavras, ideias, sensações, imagens, e conceitos, principalmente de Gilles Deleuze e Félix Guattari, um caminhar por experimentações. Andamentos que ressoam por outras três sinfonias desde dentro desta: “*transversAR*” pelas regras desta revista (*Perspectiva*); “(des)cartAR” através de imagens, conceitos e projetos de pesquisa e extensão, abrindo espaços em respiração para outros entendimentos sobre o que seja um cotidiano em ambientes e educações; “ex-pressAR” numa ‘entrevista’ impossível, por conhecimentos e vozes e pensamentos e acasos e intencionalidades junto ao Projeto *Olhares cotidianos da Certificação Turismo CO₂ Neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré-Serra Grande/BA* (Fapesb, 2009) e o livro *Olhares Cotidianos (re)velam o Programa Turismo CO₂ Neutro* (2011), que resultou deste projeto. AR e vitalidade, sem ligação com doença e cura. Ou antes, no sentido que Deleuze (1997) instaura para pensar a literatura: delírio. Não como doença que se evidencia no soerguimento de uma raça que se quer pura e dominante, mas como “medida de saúde” na relação com uma raça tão bastarda quanto oprimida que se agita incessantemente sob todas as formas de dominação e resiste a toda sorte de esmagamento. ARes que percorrem tantos e múltiplos instantes neste texto. InventAR expressões sinfônicas.

Palavras-chave: imagens, pós-modernidade, educação ambiental

Symphony in AIR Minor: *transversing*, (dis)carding, ex-pressing

Abstract: Exploring the *air* that provides vitality, not necessarily referring to oxygen, carbon dioxide or any other chemical-physical materiality. Pulsing and expulsing air. A *Symphony in Air Minor* in a path of experimentation with videos, words, ideas, sensations, images, and concepts, especially by Gilles Deleuze and Felix Guattari. Movements that resonate three other symphonies from within: “*transversing*” the rules of this journal, *Perspectiva*; “(dis)carding” images, concepts and research projects and science outreach, opening breathing room for other understandings of what a quotidian in the environment and in educations would be; “*ex-pressing*”, in an impossible ‘interview’, knowledges and voices and thoughts and happenings and intentionalities from within the project *Olhares*

¹ Professora do Departamento de Educação e do Mestrado em Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana, BA. Doutora pela Faculdade de Educação da Unicamp. E-mail: nisebara@gmail.com

cotidianos da Certificação Turismo CO₂ Neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré-Serra Grande/BA (Quotidian views of Tourism Certification CO₂ Neutro: logos and writings of a transformation in APA Itacaré-Sierra Grande/BA), submitted and approved according to the Fapesb No. 015/2009 announcement, and from within the book *Olhares Cotidianos (re)velam o Programa Turismo CO₂ Neutro* (2011). Air and vitality, with no relation to disease and healing. Or rather, in the sense created by Deleuze (1998) in order to think of literature: as delirium. Not as disease that becomes evident when a race claims to be pure and dominant, but as “a measure of health” in connection with a bastard and oppressed race that stirs ceaselessly beneath all kinds of domination and resists all sorts of crushing. Airs going through so many and multiple moments in this text. Inventing symphonic air-xpressions.

Keywords: images, postmodernism, educational environmental

(des)cartAR (t)em sentido?

1º MOVIMENTO – *Allegro ma non troppo*

Descartar o que não tem sentido, o que não é consenso, o que é errado, o que não tem funcionalidade. E se Paulo Leminsky tiver razão: *fica o que não se escreve?*

Que descarte poderia acontecer com a escrita e as imagens em educação ambiental e divulgação científica *se AREjado fosse o sentido ter* (e se agora, quem aqui estivesse a se expressar fosse Mestre Yoda)?

Cartas (de amor) têm sentido? O que sentiriam? E as cartas de baralho, as guardadas e esquecidas em armários, as ditadas, escritas e impressas no livro *Olhares Cotidianos (re)velam o Programa Turismo CO₂ Neutro* (ANDRADE; BAU; PINTO FILHO, 2011)? Seriam essas cartas descartadas de sentido? Proliferações de *non-senses*? Com-tatos de sensações, talvez: <http://youtu.be/pt8nSv6VrVQ>¹.

Explorar o AR que propicia a vitalidade e que não necessita remeter a oxigênio, gás carbônico ou qualquer outra materialidade químico-física para o ar. Uma *Sinfonia em AR menor* a pretender realizar, junto ao conjunto aqui explicitado de vídeos, palavras, ideias, sensações, imagens e conceitos, principalmente de Gilles Deleuze e Félix Guattari, um caminhar por experimentações. Andamentos que ressoam por outras três sinfonias dentro desta, em AR menor: *transversAR*, (des)cartAR, ex-pressAR. Cores e tonalidades sonoras, (in)visíveis, (in)audíveis, mas que nos perturbam e perfuram o espaço da tela do computador, do papel na revista impressa.

Ar que pulsa e expulsa. Vitalidade, e nenhuma ligação com doença e cura. Ou antes, talvez tenha, mas no sentido que Deleuze (1997) instaura para pensar a literatura: delírio. “O delírio é uma doença, a doença por excelência a cada vez que erige uma raça pretensamente

pura e dominante. Mas ela é a medida da saúde quando invoca essa raça bastarda e oprimida que não pára de agitar-se sob as dominações, de resistir a tudo o que esmaga e aprisiona e de, como processo, abrir um sulco para si na literatura” (DELEUZE, 1997, p. 15). Vitalidade, resistência não somente para a literatura que Deleuze apresenta em *Crítica de Clínica* em relação com tantos escritores, mas também chamar esse delírio para escritas outras, lugares diversos, intenções múltiplas. Em um agora que se aglomera com um antes, esse delírio provavelmente ressoava quando o projeto *Olhares cotidianos da Certificação Turismo CO₂ Neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré-Serra Grande/BA*, submetido e aprovado no edital Fapesb nº 015/2009 “Apoio a Tecnologias para o Desenvolvimento Social”, iniciou seu desenvolvimento sob a coordenação do Departamento de Educação da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs).

ARes que percorrem tantos e múltiplos instantes deste Projeto de Extensão que teve, como um de seus desdobramentos, além do já mencionado livro *Olhares Cotidianos (re)velam o Programa Turismo CO₂ Neutro* (2011), pensar e ter aprovado, junto ao CNPq, o projeto de pesquisa “Fotografias a entrelaçar saberes e culturas através de *cotidianos* que (se) ex-pressam”² que pretende, a partir das fotografias produzidas durante o Projeto *Olhares Cotidianos* (...), repensar o conceito de *cotidiano* ressoando com os sentidos e(m) expressões. “(...) poemar o cotidiano e entender essa poesia como uma forma indicativa de registro que não se pretende ser significado (representado) e despertar o político na expressão dos saberes através das superfícies, cores e objetos nas/com as fotografias” (Resumo do Projeto enviado em 2010).

Convite, pelas fotografias, a pensar os sujeitos pelo jogo da diferença e não na órbita do idêntico, do mesmo, da permanência (AMORIM, 2005, p. 125), para gerar transformações nas maneiras de olhar e produzir imagens como recursos de construção de nossas experiências cotidianas e de nosso imaginário e não uma expressão que possa ser submetida à análise e interpretação, assumida como possível e verdadeira nas apresentações do cotidiano (AMORIM, 2005, p. 115). É possível, então, desviar da compreensão da fotografia apenas como documento, como prova, como artifícios de trazer sujeitos reais, situações concretas e aspectos de contexto para a escrita que quer se impregnar cotidiano, em oposição à ficção, à fantasia, à imaginação, à lenda. Desviar da oposição, desviar da submissão da imagem, da palavra, da experiência a um modelo de verdade que se baseia na lógica da reconhecimento.

Apostar, então, em possibilidades para pesquisas e escritas para/com currículo nos mais imprevisíveis e (im)prováveis momentos de produção de conhecimento ao abandonarmos a ideia de que a imaginação e a fantasia se opõem diametralmente ao real, mas sim que configuram formas de afirmar a potência de um real-ficcionalizado ou de uma ficção-realizada que afloraria durante tais momentos. Este caminho parece-nos potente visto que as ciências (e a educação ambiental, entre tantas outras educações) insistem em combater a ficção, tratando-a como o erro, a distorção, a fantasia, a invenção.

Propomo-nos, com o projeto “Fotografias a entrelaçar saberes e culturas através de *cotidianos* que (se) ex-pressam” e que aqui se esparrama pelos movimentos da *Sinfonia em AR menor*, um aprofundar destes pensamentos sobre cotidiano, imagem e *devoir*, pensando a fotografia não somente como *cicatrizes* do passado, mas como *pura abertura* (WUNDER, 2008). Como imagens que não querem significar algo de um tempo fixado em memória, e sim como sobreposições e apagamentos de diferentes linhas de tempo, signos intensivos, em um tempo em que as expressões não necessitam estar ligadas à ideia de origem.

TRANS-VERSAR
1º MOVIMENTO – *Molto allegro*

A publicação dos trabalhos está condicionada a aprovação do Conselho Editorial Científico com base em pareceres de avaliadores *ad hoc*. O sistema de avaliação é *blinded-review*, ou seja, os nomes dos pareceristas permanecerão em sigilo, omitindo-se também, perante estes, o nome dos autores. O parecer final será comunicado aos autores.

Fonte:

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/about/submissions>

ex-pressAR em re-versos

1º MOVIMENTO – *Allegro*

Parecia um dia como outro qualquer. Havia recebido a pauta da revista e precisaria entrevistar o coordenador (ou coordenadora, ainda não sabia) de um Projeto que ocorreu (ou ainda ocorria, nossa precisava se apressar em ler o que recebeu) e que agora seria expresso em livro. Havia sentido uma estranha sensação quando leu o verbo “expresso”. Por que não como todo mundo: contar o projeto, analisá-lo sistematicamente, divulgar...? Bem, vamos ler sobre o tal Projeto: *Olhares cotidianos da Certificação Turismo CO₂ Neutro: logos e grafias de uma transformação na APA Itacaré-Serra Grande/BA*, submetido e aprovado ao edital nº 015/2009 “Apoio a Tecnologias para o Desenvolvimento Social”, sob a coordenação da Universidade Estadual de Feira de Santana (Uefs) e participação da organização não

governamental Movimento Mecenias da Vida³ através da tecnologia socioambiental já desenvolvida e por eles, denominada “Certificação Turismo CO₂ Neutro”.

Não pode deixar de rir quando leu o título do tal projeto, pois se lembrou de muitos sambas-enredo onde, aparentemente, nada parecia ter nexos, a não ser nas ideias dos sempre muito malucos – criativos, talvez (mas existiria criatividade em excesso?) – carnavalescos. Por exemplo, em 2005, a Beija Flor foi campeã com o samba enredo *O vento corta as terras dos pampas. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito guarani. Sete Povos na fé e na dor... Sete missões de amor*⁴ enquanto que, nesse mesmo ano, sua escola, a Gaviões da Fiel, foi campeã com *Renasce, sacode a poeira e dá a volta por cima*⁵, um pouco mais curto que o da escola carioca e igualmente “sem nexos”.

Chega de devaneios e vamos ao trabalho, pois precisaria ler o texto-base para a entrevista com..., precisava saber pelo menos o nome de quem iria entrevistar e do que se tratava todo aquele ‘tema de samba-enredo’. Riu de novo, mas tinha tempo, no mínimo quarenta minutos para o ônibus chegar até o lugar escolhido – um bar em frente a praça da catedral.

Pegou o texto e, logo depois da apresentação do título do projeto, se assustou porque tinha apenas duas páginas com uma escrita mais enlouquecida que as dos criativos carnavalescos. Seria mesmo escrita ‘isso’? Também lhe chamou a atenção que essa ‘escrita’ tinha um poema (tão estranho quanto tudo que estava naquele papel) com palavras em francês e duas imagens, ambas produzidas no transcorrer deste projeto, sendo a primeira delas uma montagem produzida por Elenise Cristina Pires de Andrade: duas fotos que não aparecem no ‘famoso’ livro e uma outra imagem, sequência de três fotos que foram realizadas por membros da equipe do grupo Movimento Mecenias da Vida. Resolver ler e ver e, bem...

Ensaando o verso
(por Sheyla Smanioto Macedo)⁶

Cena 1: a palavra tenta dançar



*Et un, deux –
“A Dança” não é
trois et quatre –
a realidade nua do
balé*

*Et un, deux...
A Dança é*



*plus fort!
um filme contorcendo-se.*

*et trois
lenta*

*et un
mente*

*et deux
realidade vestida de lento*

et trois e quatre! Pas bien!

A Dança não é

*Voilà! Un, deux –
realidade*

*et trois
ou dança*

et un et deux et trois

é cada passo é cada falso

*et deux et trois
é cada passo cada acaso*

*et quatre
ao seu lento. em ruína.*

Cena 2: consegue não

2º MOVIMENTO – *Andante largo*

Uma proposta, junto a esta Sinfonia, de um quase esgotamento de imagens, cores, quadro de textos, buscando um aglomerado de intensidades, um jorro de sensações, quase um procedimento da loucura em tentar expressar o que não tem pressa de ser sentido, explorado, experimentado. Sem necessidade de ser significado, representado, explicado. Pretender “Um protocolo de experimentação”, como Deleuze (1997) coloca a propósito do livro *Le Schizo et les langues*, de Louis Wolfson, que, nesse livro, continua o filósofo francês, procede por um protocolo de tradução na impossibilidade de expressão que permeia e ressoa por sons, palavras, loucuras. “Por exemplo, *Where?* será traduzido por *Wo? Hier? onde? aqui?*, ou melhor ainda por *Woher.*” (DELEUZE, 1997, p. 17) *Woher* semanticamente não pertence nem ao inglês (Wolfson é norte-americano) nem ao francês (idioma em que escreve), mas existe, está aqui, lá, e expressa, num tempo onde talvez a única pressa seja a da expressão.

Mundo-signo, como Wladimir Garcia nos apresenta a liquidez e heterogenia da cultura em um pensamento do campo pós-estruturalista (2010) a expulsar a representatividade de um tempo cronológico e, com isso, fugir de um cotidiano que se coloque como presente ou registro de um passado, em um *devenir* que extrapola uma organização linear de finalidade e realização, seja de pensamentos, objetivos, ideias, educações e ambientes.



Flores de alcachofra que parecem intraduzíveis em sua textura, em seus versos que nos reverberam através das fotografias de Marli Wunder, expostas na Estação CIS Guanabara, Campinas, durante o *III multiTÃO experimentações, limites, disjunções, artes e ciências...* Lilases que parecem proceder por intraduzibilidade, sem uma vontade de explicar algo, mas intensamente tocar. Tocar um segundo movimento de uma sinfonia, talvez. Tocar uma pele

que seja profunda, talvez. Toque da bola que se inventa toda vez que Messi nela toca. Como falar desses toques? Por cartas, talvez. Cartas que tocaram Wolverine e Pero Vaz de Caminha por mares e mutações (ANDRADE; OLIVEIRA, 2010), ambientes, educações e *invencionices* (ANDRADE; SPEGLICH, 2011), “Turismo CO₂ Neutro”, família de agricultores, empresários, sul da Bahia, fotografias (ANDRADE; BAU; PINTO FILHO, 2011). Por isso, a expressão em potencializar as cartas não como formatos de escritas (com destinatários e remetentes), mas cartas-quase-impossíveis, que pretendem um funcionamento estético de expressão ao invés de querer somente comunicar. Cartas-força. Cartas-signos. Entre signos.

Ao forçarmos a retirada do papel de carta, ele fez com os livros e a superfície da estante um esqueleto de fragmentos que reúne poeira, umidade e cor. Um esqueleto delicado e tortuoso, tal qual as letras de quem aprende a escrever, sem rumo, sem tónus, sem beira.

Uma escrita ainda não-formante, que é apenas espessura. A espessura da folha de papel e da membrana de uma célula. Ambas frente aos ataques que nelas (ins)(es)crevem. Os suspiros da vida em rabiscos das palavras e de marcadores moleculares, jorros de solidão. Excesso representado por um dicionário de palavras úteis e da utilidade de viver sob o controle do descontrolável imprevisível. Deixar as coisas serem, antes de se tornarem úteis. Deixar que se possa individualizar-se, feito divisão celular, e poder se sentir livre como uma carta, hospedeira das memórias, e como um núcleo, hospedeiro da finitude. Não é a eternidade que a dobra alcança. (AMORIM, 2011, p. 50)

E verde e amarelo e medusa e olhos.

Et un et deux et trois et quatre.

E boca e olhos e verde e ah! Que medo!

Et un et deux et trois et quatre.

E maciez, e cheiro e lilazes e polinização.

“*e vida e arte e imagem e escrita e experimentações a produzir misturas e encontros; e incorpóreas intensidades a se fazer camadas de sentido, dobradas em poemas-cor e em poemas-luz: sensações e pensamentos e composições em intensidades incorpóreas, palavras-cor a se mover, lentamente... e a devir singularidades, energias entre matérias, no entre linguagens e enunciados, interstícios a girar imagens-palavras.*” (ANDRADE; ROMAGUERA, 2011, p. 3)

Et un et deux et trois et quatre.

Descartar para poder ver. Rasurar para ampliar o alcance. Aproximar não para ver melhor, mas para ver diferente. Desenrolar a cicatriz para que ela fira mais⁷. O que foi descartado não está presente? Tempo, memória, sentido, expressão. Descartes, as cartas, os escapes, ex-capar. Capas que se rebelam. Capas que se revelam. Cartas ca(n)tadas nessa Sinfonia.

(...) Espaço anárquico da linguagem, onde reinam as proliferações. Por meio delas, o centro se descentra, num movimento desafiador, intermitente, não só da dependência hierárquica da lei sintática, mas de toda a lei, colocando-se como resistência aos centros ditadores do sentido oficial (GODOY, 2008, p. 177)

2º MOVIMENTO – *Andante*

5. O texto principal deve indicar os locais de inserção de ilustrações (quadros, fotos, mapas, modelos etc.) e de anexos ao texto, quando existirem.

6. Notas. (...)

7. As ilustrações, quando existirem, devem ser produzidas obedecendo ao que segue: a) Ilustrações: se já tiverem sido publicadas, mencionar a fonte e a permissão para reprodução; b) Quadros: deverão ser acompanhados de títulos, segundo as normas da ABNT.

Fonte: <http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/about/submissions>

3º MOVIMENTO – *Menuetto*

Et un et deux et trois et quatre.

“Gato 'tira fotos' do cotidiano com câmera no pescoço.”⁸



Dançar um minueto com *o sorriso do gato de Alice, se se visse*⁹. Se víssemos não teria mais sentido? Na superfície do sentido, como nos traz Deleuze em *Lógica do Sentido* e,

dependendo de como nos tencionamos com tais intensidades, não tem lógica e muito menos sentido.

Nove máquinas fotográficas obtidas com recursos do projeto viajaram, andaram, caíram, subiram, revolveram, clicaram mundos, estrelas, luzes, escuridões, assim como as lentes da câmera do gato. Distâncias que não se medem, focos que não se realizam, posturas que angustiam: Michael e Deirdre Cross, os donos do animal, dizem que a ideia os ajudou a conhecer melhor o dia a dia e as necessidades do gato, e que descobriram, ainda no início da experiência, que o gato passava muito tempo esperando que os donos o deixassem entrar em casa. Espera registrada e divulgada (re-ver-ter a espera pela entrada) e que motivou os Cross a fazerem uma entrada especial para o gatinho-fotógrafo (como podemos observar pela imagem da sua sombra).

Uma vontade de que as imagens poemassem (amassassem?) e não estritamente explicassem os cotidianos dos envolvidos com a produção das fotografias, as famílias dos agricultores e os empresários do ramo turístico de Itacaré e Serra Grande-BA. Abrir espaços em respiração para outros entendimentos sobre o que seja um cotidiano em ambientes e educações. Conhecimentos e vozes e pensamentos e acasos e intencionalidades em fotografias a produzir, compartilhar e inventAR expressões dos conhecimentos, das relações entre os pessoas, coisas, plantas e animais e o ambiente em que vivem, sejam quais e onde estiverem tais ambientes. Cartas *encantadas*...

Descartes que se separam, entrecruzam-se, perturbam-se. Ventam e invadem as casas-corpos dos currículos, das imagens, da arte, das culturas, dos cotidianos que buscam questionar, num limite de esgarçamento, essa vontade de fidelidade ao que seja “real”. Descartes seriam cartas que já não cantam mais? Cantos que também podem inventAR mARgens por quase infinitas possibilidades de artefatos culturais que ressoam, cruzam, tencionam, hibridizam, sensibilizam nossos pensares e saberes em educação. DescARTES que pretendem uma soltura das imagens em perambulações por *non senses*, por vontades de expressão. Procedimento da intraduzibilidade.

Aproximarmo-nos, como nos propõe Amorim (2011), ao que Elizabeth Grosz (2008) diz a respeito da arte,

aquela que produz e gera intensidades, que diretamente impactam o sistema nervoso e intensificam as sensações. A arte é a arte do afecto, muito mais do que o ‘eu da representação’, é um sistema de forças dinâmicas e impactantes mais do que um sistema único de imagens que funcionam sob um regime de signos. (AMORIM, 2011, s/p)

Sistemas de forças em planos de sensações ao propor que cotidianos e ambientes sejam multiplicidades – signos – a per-correr as imagens e não conceitos fechados, ‘eus da representação’ a delimitar significações do que ‘realmente seria’ cotidiano e ambiente.

Et un et deux et trois et quatre.

2º MOVIMENTO – *Andante grave*

O ônibus parou, pois havia chegado aonde precisaria descer. Olhou a praça e localizou o bar. Como reconheceria...

- Bom dia, querida, tudo bem?

- Bom dia, estava aqui pensando em como lhe reconheceria (risos), mas você pensou antes e já me achou. Podemos ir para a primeira pergunta?

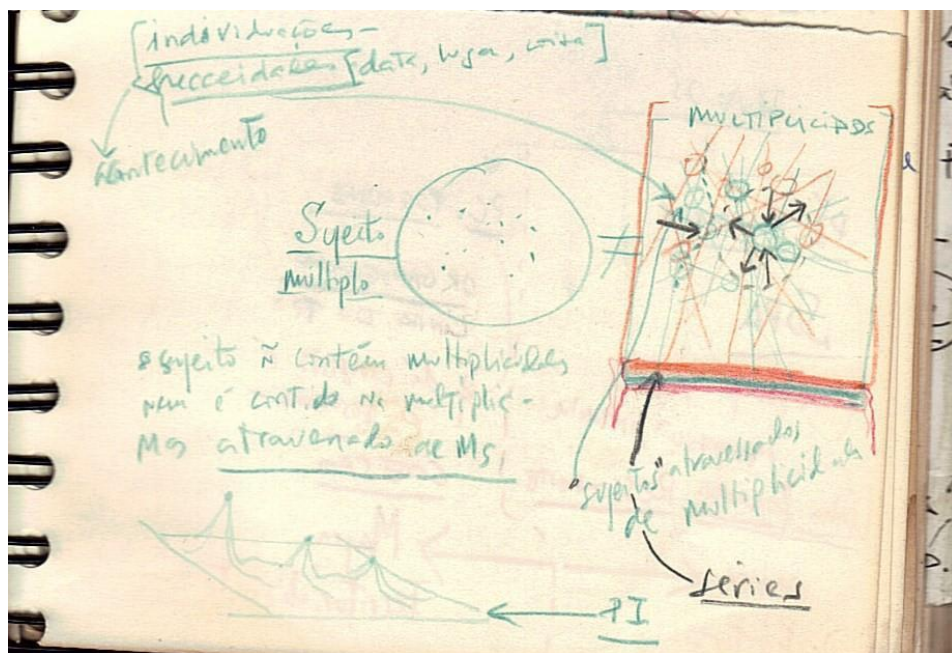
- Achei que fossem esclarecimentos.

Algo me desequilibrou com aquela afirmação, não sei o porquê. Continuei também de um modo desequilibrado, como se não quisesse perguntar aquilo, mas não tivesse como evitar:

- Por que o livro vai expressar o projeto? O que esse verbo tem de tão especial? Um livro por uma expressão?

Por apostar em expressões para além da escrita, em um movimento de transgressão, buscamos a produção de fotografias pelos diferentes atores (autores) das comunidades envolvida com a tecnologia socioambiental “Certificação Turismo CO₂ Neutro”. Será a partir das suas próprias produções que os impactados pela tecnologia poderão “falar” dela e expressar suas análises e pensamentos. No processo de produzir imagens e analisá-las, os sujeitos envolvidos olham para si, para o outro, e para seu entorno, num movimento de resignificação do conhecido. O trabalho com as fotografias possibilita relações entre saberes, entre vozes e silêncios: outras explorações com/nas/das imagens, possibilitando um “pluri-álogo” de conhecimentos, sensações, registros, memórias, divulgação. Sentimentos que nos movimentam pelas imagens e nos colocam a entendê-las como intensivas personagens na contemporaneidade. Assim, as fotografias fazem parte de nossas lembranças e esquecimentos, vivências e invenções, cadernos e carteiras, num tempo permanente e efêmero (ANDRADE et al, 2010, p. 2469).

Et un et deux et trois et quatre.



“D-iferir. Ferir o projeto. Rasgar o firmamento para a luz entrar. Suspende. Subverter a morte, o objeto. (...) redescobrir no evento plural o fundamento único da lei, a fonte de sua não-original presença.”

W.Garcia,
Pós-Modernidade

Imagem: Caderno de Esboço, 1997. Ana Godoy.

Novamente aquela sensação. Não, não era desequilíbrio. O que seria então? Essas palavras (respostas ou esclarecimentos, isso não mais a perturbava) deixavam-na estranha. Isso, estranhamento. Sua editora não entenderia nada disso e era melhor voltar (teria saído de algum lugar como Alice e estaria num ‘estranho país das maravilhas’? Nisso deu uma rápida olhada para procurar o Coelho ou o Gato – precisava decididamente parar de pensar essas maluquices sem sentido) e continuar a entrevista. O que perguntaria primeiro se a quem ela entrevistava parecia não ter intimidade nenhuma com ordenação, linearidade, tempo... DECIDIDAMENTE tinha que ir direto ao ponto para esclarecer os leitores da revista onde ficava esse lugar, quem eram os sujeitos que participaram do projeto, quais as instituições envolvidas, que fotografias eram aquelas etc.

- Acho melhor pedirmos mais um café para que eu continue a responder suas questões. Por favor, amigo..., um, ou dois expressos?

Respondi que também queria um expresso e me assustei quando percebi que já havia feito aquelas questões explicativas enquanto pensava comigo mesma. Decididamente estava ficando maluca.

- Vou responder todas ao mesmo tempo, certo?

- Claro. Expresse-se sem pressa.

Por que respondi isso se estava morrendo de pressa? Bebi um gole de café e anotei a resposta:

O lugar: A APA Costa de Itacaré/Serra Grande ocupa uma extensão de, aproximadamente, 54 mil hectares no litoral sul da Bahia, onde se encontra um dos Índices de Desenvolvimento Humano – IDH – mais baixos do Litoral Sul da Bahia¹⁰. Neste contexto vivem as famílias de agricultores tradicionais, distribuídas em dezenas de comunidades rurais: quilombolas, assentamentos rurais e propriedades de posseiros. O tamanho das áreas varia muito, de 5 a 40 ha, conforme diagnóstico realizado pela equipe técnica do Movimento Mecenias da Vida.

A equipe executora e as respectivas instituições: Além da coordenadora, o projeto teve uma equipe executora composta pela prof.^a Luisa Dias Brito (Departamento de Ciências Biológicas – DCB, Uesc); Eva Arbat Bau (representante da instituição parceira – Movimento Mecenias da Vida); José de Barros Pinto Filho (representante da instituição parceira Universitat de Girona, Facultat d’Educació i Psicologia, Departament de Didàctiques Específiques-DEPDE); Salvador Ribeiro da Silva Filho, Valeria Cardoso da Silva e Jussara Cristina Marques (Movimento Mecenias da Vida).

A equipe parceira e as respectivas instituições: Unicamp, com o Prof. Wenceslao de Oliveira Júnior (Faculdade de Educação) e Prof^a Susana de Oliveira Dias (Labjor-Nudecri).

Por que havia se incomodado tanto em escrever duas vezes ‘respectivas’? Aliás, o que estava mesmo escrevendo? Aquela estranha sensação de desequilíbrio. De novo. Preste atenção, por favor, há o que você veio buscar e tanto valoriza: explicações, portanto, preste atenção. Se não, como escreverá a matéria? Lembre-se, aquele ‘texto’ inicial tem apenas duas páginas, uma poesia, uma *prestíssima* explicação e duas fotografias, ou colagens, ou seja lá o que for. Bebeu outro gole de café. Frio. Inspirou o ar e pensou: inspiro oxigênio e expiro gás carbônico. Carbono neutro... Inspirar, expirar... AR. Carbono neutro? De onde teria aparecido essa neutralidade do carbono? A tabela periódica – oh! Meu Deus! Não agora!

A tecnologia sócio-ambiental: Para que o projeto se adequasse ao edital “Apoio a Tecnologias para o Desenvolvimento Social”, lançado pela Fapesb, seria necessário que as ações fossem voltadas ao desenvolvimento e difusão de uma tecnologia socioambiental que, no caso desse projeto, foi a “Certificação Turismo CO₂ Neutro”, tecnologia idealizada e implementada pelo Movimento Mecenias da Vida, na região. Essa tecnologia busca caminhos para solucionar os problemas socioambientais presentes nessa localidade e tem conseguido efetivos resultados na

transformação social e ambiental junto aos empresários, às famílias de agricultores tradicionais, à comunidade local e aos turistas, interconectando as dimensões sociais, culturais e ambientais.

Participantes fotógrafos/as: Foram escolhidos quatro grupos para que fossem trabalhadas as fotografias: os agricultores, suas esposas e os filhos e filhas e os empresários que participam do “Turismo CO₂ Neutro”. As famílias dos agricultores são muito pobres, e os provedores das famílias são analfabetos ou de pouca escolaridade, convivendo com uma dura realidade: solos pobres, falta de orientação técnica, escassez de recursos para investir nas roças, moradias em condições precárias, falta de saneamento básico, baixa renda e baixa autoestima. No meio rural, a *Certificação* apresenta um papel importantíssimo na “fixação” do homem no campo, pois à medida que melhora a renda (através de um mecanismo denominado *Bolsa Conservação*) e capacita os agricultores tradicionais nas questões técnicas, ambientais, econômicas e sociais, também promove o seu desenvolvimento humano, resgatando a autoestima e a identidade com o trabalho na terra, evitando dessa maneira o êxodo rural. Os empresários que participaram são do ramo turístico e, por participarem da neutralização de gás carbônico, como forma de compensação ambiental dos impactos que produzem, contribuem com a compra de equivalentes em mudas de árvores, assim como com a construção de uma identidade turística “CO₂ Neutro” para o destino de tantos turistas. No meio urbano, a qualificação e valorização do destino turístico através da implementação dessa tecnologia está levando a transformação aos empreendimentos, que se sensibilizam com a realidade socioambiental que os rodeia levando-os a implantar práticas ambientais (consumo de produtos orgânicos da região, gestão do lixo, redução de consumo de energia e água, dentre outras práticas) e a oferecer serviços ambientais inovadores para os turistas, que também podem participar dessa transformação que repercute diretamente sobre todo o conjunto social, e sobre milhares de pessoas que dependem economicamente da cadeia produtiva do turismo.

- Você quer ver as fotografias?

Pense muito rápido. Responda. Você sempre ficou muito irritada (irritadíssima, diríamos) quando alguém não responde. E a expressão? Por que você pensou nisso agora?

- Claro que quero, devem ser lindas.

- Você já deve ter percebido...

E se simplesmente eu entrar nesse jogo maluco e ver o que ela está respondendo para

tentar perceber o que perguntei? Certamente estava enlouquecendo.

... certamente já entendeu (risos).

Riu, fez ‘cara de paisagem’ e despediu-se. E o enlouquecimento? E a expressão que não tinha pressa?

3º MOVIMENTO – *Vivace presto*

Sabia de seu tempo ínfimo para finalizar a matéria. Sabia da necessidade de garantir uma matéria legal para a revista. Não sabia se sabia o quanto precisaria dispor com as contas do cartão de crédito. Certamente não sabia quem ganharia o próximo concurso da mega sena. Será que não sabia mesmo? E se fosse ela? Mas e daí? Ser ela tem a ver com o quê, no que se refere ao ‘saber’ de tudo isso? Aquela sensação de... Não. Não. Não. Precisava atender ao telefone para ficar em paz e terminar o texto da matéria depois da entrevista. Entre vista. Entre as vistas invisíveis... Não. Não. Não.

- Alô!

- Oiê. Aqui é a Alik, podemos conversar um pouquinho agora?

- Claro. Que saudades, como vão os seus meninos?

Claro que não poderia conversar com sua amiga ao telefone, e ao mesmo tempo, há muito não papeava com ela. Sentia saudades e emendou um papo. Nisto... Não. Não. Não. Érica lhe chama pelo *g-talk* para lhe falar de um livro lindo que ela queria ler etc. etc. etc. Ótimo papo também via *chat*.

Risadas em dia, meio sem querer abre o e-mail e vê que tem um de sua editora. Simples: fechou a página e continuou o papo com as meninas. Abre novamente o e-mail e vai se despedindo das amigas. Já repararam que a despedida é sempre aos poucos, expressamente? Meio sem pressa, efêmera e numa duração infinita? Será que esse seria o efeito da expressão do Projeto num livro? Estaria começando (ou terminando?) de entender algo que escreveu naquela manhã sobre o Projeto das fotografias? Aliás, havia sido interpelada sobre se gostara ou não das fotos. E não se lembrava delas. Sobre o que seriam? Tinha algo sobre

Et un et deux et trois et quatre.

3º MOVIMENTO – *Menuetto - trio*

8. Citação de autores: conforme NBR 10520 de agosto 2002. Devem ser feitas no corpo do texto (autor-data). As entradas pelo sobrenome do autor/vírgula/data ou autor/vírgula/data/vírgula/página sendo que quando estiverem incluídas na sentença devem ser letra maiúscula e minúscula e quando estiverem entre parênteses devem ser em letras maiúsculas. Ex: Silveira (1999, p. 20) descreve: o estudo das [...] ciências ou Artigos são os trabalhos aprovados [...] revista. (FRANÇA, 2001, p. 51)

Fonte:

<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/about/submissions>

cotidiano, não tinha?

A fotografia poderia ser pensada como esse homem em estado de morte e vida, como restos quase mortais dos instantes. Restos de um tempo, que geram outros sentidos, outros acontecimentos. Uma morte incompleta do que passou. Uma promessa de vida, não uma vida completa. Nem vida, nem morte, os dois ao mesmo tempo. (WUNDER, 2011, p. 157, grifos da autora)

Uma proposta de pensar entre as imagens a partir de algumas apostas e de algumas fugas, (...). Aposta no conceito de imagens como superfícies do acontecimento; imagens que nos afetam, que nos deslocam e sentidos produzidos neste contato deslizante, efêmero. Fugas de idéias como a onipotência da analogia fotográfica, o realismo da representação, o regime de crença na narrativa e a concretude da realidade. Aposta em imagens que se movimentam e existem por si, que explodem em sentidos. Aposta no entre, nas rachaduras provocadas por este/neste entre lugar, ou entre tempo. (SPEGLICH, 2009, p. 103)

Et un et deux et trois et quatre.

4º MOVIMENTO – *Allegro assai*

Assim, a potência do trabalho com as fotografias acontece na medida em que se abre a possibilidade de poemar o cotidiano e entender essa poesia também como forma de registrAR, de despertar o político na expressão dos saberes, sejam quais forem os sujeitos/praticantes/produtores desses conhecimentos.

O que acontece quando o enquadramento são os fragmentos de imagens, fotografias em lentidão de luz que envolve o branco?

O que pensar quando o sentido é o avesso das formas reconhecíveis?

VILELA e WUNDER, 2008, p. 266



E, claro, o e-mail era para lhe cobrar a matéria. Vamos a ela, então!

Referências

- AMORIM, Antonio Carlos R. de *Entrefácio*. In: ANDRADE, Elenise C. P.; BAU, Eva A.; PINTO FILHO, José B. (Orgs). *Olhares cotidianos (re)velam o programa turismo CO₂ neutro*. Feira de Santana : Uefs Editora, 2011.
- AMORIM, Antonio Carlos R. de. s/título. Texto impresso, 2011.
- _____. Fotografias, escritascotidiano e currículos de formação. In: FERRAÇO, Carlos E. (Org.). *Cotidiano escolar, formação de professores(as) e currículo*. São Paulo: Cortez, 2005.
- ANDRADE, Elenise C. P.; BRITO, L.; PINTO FILHO, José Barros; BAU, Eva A. Olhares cotidianos entrelaçando saberes, culturas, bio-logias através da fotografia. *Revista da SBEnBIO*, v. 3, p. 2467-2476, 2010.
- ANDRADE, Elenise C. P.; BAU, Eva A.; PINTO FILHO, José B. (Orgs) *Olhares cotidianos (re)velam o programa turismo CO₂ neutro*. Feira de Santana : Uefs Editora, 2011.
- ANDRADE, Elenise C.P.; OLIVEIRA, Renato S. M. Cartas, Caminha(o). Viajantes, Mutantes, Mares. *Grafiás (in)visíveis (des)marcando espaços (s)em tempos*. *ETD, Imagens, Geografias e Educação*, vol. 11, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/2118/1904>> Acesso em: 25.02.2012
- ANDRADE, Elenise C. P.; ROMAGUERA, Alda. ... e pelas cores ex-correm pensamentos vão(s). *Revista Alegrear*, edição especial, dossiê Políticas e poéticas de imagens, palavras e sons, n. 8, 2011. Disponível em: <http://www.alegrar.com.br/revista08/pdf/pelascorres_romaguera_andrade_alegrar8.pdf> Acesso em: 25.02.2012.
- ANDRADE, Elenise C. P.; SPELICH, Érica. Imagens a fabular ambientes: desejos, perambulações, fugas, convites. *Revista Pesquisa em Educação Ambiental*, v. 6, n. 1, janeiro/junho 2011 (versão on line). Disponível em: <<http://www.epea.tmp.br/revipeafiles/revipeav6n1a7.pdf>> Acesso em: 25.02.2012.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e Clínica*. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1997.
- GARCIA, Waldimir A. C. Pós-modernidade e diferença. *Revista de Estudos Universitários*, dossiê Pós-Modernismo, Sorocaba, SP, v. 36, n. 1, junho de 2010. Disponível em: <<http://periodicos.uniso.br/index.php/reu/article/view/467>> Acesso em: 25.02.2012.
- GODOY, Ana. *A menor das ecologias*. São Paulo: EDUSP, 2008.
- GROSZ, Elizabeth. *Chaos, territory, art. Deleuze and the framing of the earth*. New York: Columbia University Press, 2008.
- SPEGLICH, Érica. *Duração: entre imagens do Programa Biota/Fapesp*. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2009.
- UOL Notícias. Gato ‘tira fotos’ do cotidiano com câmera no pescoço. 05/05/2011. Disponível em: <<http://noticias.uol.com.br/bbc/2011/05/05/gato-tira-fotos-do-cotidiano-com-camera-no-pescoco.jhtm>> Acesso em: 25.02.2012
- VILELA, Eugénia, WUNDER, Alik. Convulsão das sombras. *ETD*, número especial Escola, currículo e cultura: narrativas objetos e imagens, v. 9, 2008. Disponível em <<http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/view/1563/1413>> Acesso em: 25.02.2012.

WUNDER, Alik. Foto *quase* grafia, o *acontecimento* por fotografias de escolas. Tese (Doutorado em Educação). Campinas, Faculdade de Educação, Unicamp, 2008.

_____. Fotografias, restos quase mortais. In: AMORIM, Antonio Carlos R. de, GALLO, Sílvio, OLIVEIRA JR. Wenceslao M. O. (Orgs). *Conexões: Deleuze e imagem e pensamento e...* Petrópolis: De Petrus / Brasília: CNPq, 2011.

¹ Vídeo produzido por Elenise C. P. de Andrade a partir do livro *Olhares Cotidianos (re)velam o Programa Turismo CO2 Neutro* (2011) e apresentado na conferência “(des)cartAR (t)em sentido?” proferida por Elenise C. P. Andrade no *III multiTÃO experimentações, limites, disjunções, artes e ciências...*, realizado entre 17 e 19 de outubro de 2011, no Instituto de Estudos da Linguagem e no Salão Nobre da Faculdade de Educação, Unicamp. Organização do Grupo multiTÃO – prolifer-artes sub-vertendo ciências e educações (Lajor/CNPq).

² Edital Universal CNPq, nº do processo 480745/2010-2, coordenado por Elenise C. P. Andrade.

³ Informações detalhadas sobre as atividades desta ONG e sobre a tecnologia socioambiental “Certificação Turismo CO2” encontram-se disponíveis em: <<http://www.mecenasdavid.org.br>>. Acesso em: 25.02.2012.

⁴ Imagem disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Beija-Flor_de_Nil%C3%B3polis> Acesso em: 25.02.2012.

⁵ Imagem disponível em: <http://pt.wikipedia.org/wiki/Gavi%C3%B5es_da_Fiel> Acesso em: 25.02.2012.

⁶ Texto disponível em: <<http://www.lajor.unicamp.br/biotecnologias/calçada/?p=1672>> Acesso em: 25.02.2012.

⁷ Essas lindas frases foram proferidas por Wenceslao de Oliveira Jr. (via e-mail) comentando as sensações experimentadas através do vídeo “Fragmentos encan(r)tados”, produzido por Elenise C.P. Andrade, a partir de páginas do livro *Olhares Cotidianos (re)velam o Programa Turismo CO2 Neutro* (2011), tendo como trilha sonora “Modinha”, de Tom Jobim. O vídeo encontra-se disponível em: <<http://youtu.be/8UjD7yJROfQ>> Acesso em: 25.02.2012

⁸ Trata-se de matéria jornalística publicada pela UOL Notícias.

⁹ Verso da canção “kjkjk”, de Caetano Veloso.

¹⁰ Informações obtidas através do Atlas de Desenvolvimento Humano do Brasil, disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas>> (PNUD - Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento)